

ATUALIZAÇÕES DO ANTIFEMINISMO CRISTÃO DO BRASIL: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE PIETRA BERTOLAZZI E ANA CAROLINE CAMPAGNOLO¹

Ana Carolina Marsicano²

Nina Rosas³

Resumo: Este artigo demonstra como o antifeminismo cristão tem se atualizado por meio da prática pedagógica de duas mulheres, figuras públicas de destaque, representantes dos campos católico e evangélico. De um lado temos a católica tradicionalista Pietra Bertolazzi, proprietária dos clubes *Raízes da Verdade* e *Doutrina Zero*. Em 2023, ela iniciou sua conversão ao Catolicismo Apostólico Romano, com destaque para a promoção nas redes sociais da importância do resgate da feminilidade, da “modéstia cristã”, da luta contra o feminismo, da exaltação da maternidade e de uma vida verdadeiramente virtuosa. O artigo traz a análise do discurso de Bertolazzi no *Instagram* durante o período de 2022 e 2025. De outro lado, temos Ana Caroline Campagnolo, deputada estadual por Santa Catarina, autora de diversos livros, como os *Feminismo: Perversão e Subversão* e *Guia de Bolso Contra Mentiras Feministas*, além do *Clube Antifeminista*. De Campagnolo, o texto traz a análise do livro *A Hidra Feminista*, que visa denunciar estratégias e equívocos do movimento feminista e mobilizar conservadores para atuarem como protagonistas e produtores de sentidos nas esferas da mídia, da política, das militâncias e das universidades. Através da oferta de cursos no ambiente digital, mulheres como Campagnolo e Bertolazzi, se consolidam como uma referência por seus posicionamentos em defesa

¹ Como citar: MARSICANO, Ana Carolina; ROSAS, Nina. Atualizações do antifeminismo cristão no Brasil: práticas pedagógicas de Pietra Bertolazzi e Ana Caroline Campagnolo. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 26, n. 47, e150462, 2026.

² Doutora em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco, Brasil. Pesquisadora do Laboratório de Estudos de Religião e Política (FUNDAJ/UFPE), Brasil; E-mail: carolmarsicano@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4372-7192>.

³ Doutora em Sociologia pela Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil. Professora Adjunta do Departamento de Sociologia pela mesma universidade. E-mail: rosasnina@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4133-187X>.

do combate à “doutrinação”, representando a disputa em torno de noções como feminilidade, masculinidade, maternidade e família.

Palavras-Chave: Antifeminismo Cristão; Pietra Bertolazzi; Ana Caroline Campagnolo; Ambiente Digital; Extrema Direita.

UPDATES ON CHRISTIAN ANTIFEMINISM IN BRAZIL: PEDAGOGICAL PRACTICES OF PIETRA BERTOLAZZI AND ANA CAROLINE CAMPAGNOLO

Abstract: This article demonstrates how christian antifeminism has been updated through the pedagogical practice of two women, prominent public figures representing the catholic and evangelical fields. On one hand, we have the traditionalist catholic Pietra Bertolazzi, owner of the Raízes da Verdade (Roots of Truth) and *Doutrina Zero* (Zero Doctrine) clubs. In 2023, she began her conversion to Roman Catholicism, emphasizing on social media the importance of restoring femininity, “christian modesty,” the fight against feminism, the exaltation of motherhood, and a truly virtuous life. The article analyzes Bertolazzi's discourse on Instagram during the period from 2022 to 2025. On the other hand, we have Ana Caroline Campagnolo, state representative from Santa Catarina, author of several books, such as *Feminismo: Perversão e Subversão* (Feminism: Perversion and Subversion) and *Guia de Bolso Contra Mentiras Feministas* (Pocket Guide Against Feminist Lies), in addition to the *Antieminist Club*. From Campagnolo, the text analyzes the book *A Hidra Feminista* (The Feminist Hydra), which aims to denounce the strategies and misconceptions of the feminist movement and mobilize conservatives to act as protagonists and producers of meaning in the spheres of media, politics, activism, and universities. By offering courses in the digital environment, Campagnolo and Bertolazzi have established themselves as references due to their stance in defense of combating “indoctrination”, representing the debate surrounding notions such as femininity, masculinity, motherhood, and family.

Keywords: Christian Antifeminism; Pietra Bertolazzi; Ana Caroline Campagnolo; Digital Environment; Extreme Right.

INTRODUÇÃO

O antifeminismo – contramovimento que se organiza em torno de reações e refutações ao feminismo, questionando o percurso histórico deste e invalidando suas conquistas políticas (Bonet-Martí, 2021), se consolidou, nos últimos anos, como um fenômeno social, político e cultural transnacional, que mobiliza diferentes atores e repertórios discursivos para contestar os avanços em direitos de gênero e sexualidade. Graff e Korolczuk (2021) mostram que a retórica “anti-gênero” tornou-se um elemento central em projetos populistas globais, articulando movimentos religiosos, partidos de direita e think tanks em torno da defesa da “família tradicional” e da denúncia da chamada “ideologia de gênero”. Esta categoria, como demonstram Kuhar e Paternotte (2017), opera como um significante vazio, capaz de condensar resistências às políticas feministas, direitos reprodutivos, reconhecimento da diversidade sexual e até a conteúdos educativos sobre gênero e sexualidade. No âmbito internacional, Buss e Herman (2021) evidenciam o papel ativo de organizações cristãs conservadoras na ONU e em outros fóruns multilaterais, que se dedicam a globalizar uma agenda de “valores familiares” e a restringir consensos internacionais em torno da igualdade de gênero. Outro vetor relevante é o digital. Debbie Ging (2017) documentam a consolidação da chamada *manosphere*, composta por comunidades *online* de *incels* (homens celibatários involuntários), *men’s rights activists* e outros grupos que produzem narrativas misóginas e ressentidas em espaços virtuais. Embora heterogêneas, tais agregações masculinas exercem impacto significativo na normalização do antifeminismo e na circulação de conteúdos que alimentam a radicalização de jovens homens.

Na América Latina, o fenômeno assume contornos específicos. Estudos de Gutiérrez e Caminotti (2022) mostram que as ofensivas anti-gênero têm se articulado principalmente em torno de atores católicos e evangélicos, que, ao lado de partidos conservadores, pressionam contra a implementação de políticas de educação sexual e contra o avanço de legislações de aborto e reconhecimento de identidades trans. Vaggione (2020) reforça a ideia de que

a convergência entre catolicismo e evangelicalismo na região constitui um dos fatores centrais para a força dessas campanhas. No Brasil, como reação à presença de representantes do movimento feminista durante os ciclos de governo petista, assim como aos avanços da agenda pela legalização do aborto na América Latina, o antifeminismo vem ganhando corpo por meio de estratégias de desqualificação moral. O antifeminismo contemporâneo se estrutura como um movimento multinível – articulando instâncias globais, nacionais e locais – e multissetorial, envolvendo desde comunidades digitais até igrejas, partidos políticos e organizações transnacionais. As representações mobilizadas são fundamentalmente antagônicas, resultando em discursos que reforçam a existência de forças opostas que dividem a sociedade, entre elas, a representação do movimento feminista e LGBTQ+ como ameaça às famílias brasileiras (Cesarino, 2019, p. 543). O sentimento partilhado de reação às políticas de reconhecimento e às novas conformações de gênero e masculinidades não hegemônicas favorece a retórica do retorno ao passado, com uma clara referência a algo que foi perdido e precisa ser recuperado através do imperativo do “retorno da ordem, da previsibilidade, da segurança, da unidade, e da autoridade” (Vital da Cunha e Ramos, 2024, p. 114-115).

Como ilustrador disso, do campo antifeminista, tomamos como ponto de referência duas mulheres que operam na lógica das novas tecnologias e mídias sociais. Embora elas não sejam as típicas influenciadoras conhecidas como *tradwives* (esposas tradicionais), elas podem ser consideradas parte desse ecossistema vivo e em crescimento de mulheres à direita, que performam e monetizam as ideologias heteronormativas (Sykes e Hopner, 2024). De um lado, temos a influenciadora católica tradicionalista Pietra Bertolazzi e, de outro, a deputada estadual e escritora Ana Caroline Campagnolo. Campagnolo e Bertolazzi se consolidam como uma referência por seus posicionamentos em defesa do combate à “doutrinação”, representando a disputa em torno de noções como feminilidade, masculinidade, maternidade e família.

O material coletado é múltiplo. Tomamos como objeto postagens no *Instagram*, participações em eventos, livros e documentos mencionados, além

de pontuarmos algumas das redes nas quais elas se inserem. A produção cultural dessas mulheres ultrapassa em muito o clássico nicho editorial e também não se restringe à venda de infoprodutos. Embora sua atuação nas mídias sociais seja o principal propulsor de venda e visibilidade, elas permanecem fazendo articulações *offline*, ampliando e consolidando outros circuitos e mercados. Bertolazzi e Campagnolo são exímios exemplos do modo como o antifeminismo pode ser compreendido como parte de um espectro que se adapta localmente, permitindo variações de intensidade, narrativas e argumentos, e levando em conta desde experiências idiossincráticas a diferenças no público-alvo. Sua reprodução, nos casos estudados, tem se mostrado bem-sucedida. Para desenvolver esses argumentos, abrimos o presente artigo explicitando quem são essas mulheres. Seguimos com duas seções que comparam o que é defendido por Bertolazzi e Campagnolo a partir dos pontos supracitados. Encerramos com uma conclusão comparativa.

DUAS FACES DO ANTIFEMINISMO

Pietra Bertolazzi é uma mulher branca, de 38 anos, nascida na cidade de São Paulo. Com formação em moda e tendo trabalho como *DJ*. Em 2018, ano que engravidou de sua filha Stella com o bilionário Bruno Garfinkel, foi chamada para integrar a equipe do ex-secretário de Desenvolvimento Social de São Paulo, Filipe Sabará, durante o governo de João Dória (PSDB/SP). Sob o argumento de ter sido convidada devido a sua experiência com o terceiro setor, atuou como diretora da Escola de Beleza, Estética e Bem-Estar do Fundo Social de São Paulo. Em 2019, se envolveu em polêmica com postagem, usando *hashtags* #antifeminismo e #feministtears e comparando as taxas de homicídios entre homens e mulheres. Ela criticou a existência do crime de feminicídio e afirmou que “apenas 8% do número total de assassinatos no Brasil ocorreram com mulheres (...) Quase o dobro de homens são mortos por violência doméstica no país. E aí? Quem vai defender esses homens?” (Soares, 2019). Em setembro de 2022, ao responder o

questionamento sobre se “A Lei Maria da Penha invade a intimidade do casal?”, Bertolazzi afirmou que caráter não tem sexo, que a lei subverte o que é a violência quando se trata da mulher, e que as leis que favorecem as mulheres são as únicas que não têm a presunção de inocência (Bertolazzi, postagem de 2022). Importante destacar que a crítica à Lei Maria da Penha aparece acompanhada do crescimento exponencial de mulheres nas redes sociais defendendo a posse de arma de fogo como estratégia de autodefesa e ferramenta de empoderamento feminino (Melo, 2025).

Em 2022, Bertolazzi integrou a equipe de comentaristas da Jovem Pan, participando da bancada do programa Linha de Frente e assumindo o papel de polemista (Meirelles, 2024). Apresentou alinhamento com posições políticas da extrema direita e a defesa da recandidatura para a presidência de Jair Messias Bolsonaro. Através do uso de termos como “lacração”, “mimimi”, e da crítica ao politicamente correto, destacou a importância de se enfrentar a ameaça comunista e o petismo, e defender a liberdade de expressão e o direito à propriedade privada. Em uma live transmitida no canal do *Instagram* do então presidente, participou junto do dono da empresa de comércio Havan, Luciano Hang, incentivando empresários, assim como todos aqueles que “não saíram dos armários ideológicos da direita”, por “medo do cancelamento da lacração”, a apoiarem a recandidatura de Bolsonaro (Bertolazzi, 2022).

Após sua conversão ao catolicismo apostólico romano, Pietra assumiu um discurso no qual noções como “bem”, “verdadeiro”, “belo” e “virtuoso”, assim como a defesa de um modo de vida voltado para a santidade, adquiriram centralidade. A partir de julho de 2023, ela incorporou em seus vídeos uma estética mais clássica, erudita, utilizando roupas mais claras, menos maquiagem, e música clássica de fundo. Ela também intensifica sua inserção em circuitos católicos de perfil doutrinário e conservador. Em fevereiro daquele ano, participou de um retiro espiritual conduzido pelo Padre Paulo Ricardo, sacerdote conhecido por sua atuação midiática e por posições alinhadas a uma leitura ortodoxa da doutrina católica e a pautas morais conservadoras no debate público. Essa participação não se restringiu a uma experiência individual de formação religiosa, mas sinalizou o início de vínculos

e interlocuções com atores organizados do catolicismo ultraconservador no Brasil, em especial com o Centro Dom Bosco, instituição voltada à difusão de conteúdos apologeticos, à formação ideológica de leigos e à mobilização em torno de agendas políticas e culturais de caráter tradicionalista. Nesse sentido, a conversão de Bertolazzi articula-se a um processo mais amplo de socialização em redes institucionais católicas, nas quais espiritualidade, produção intelectual e engajamento público se entrelaçam.

Imagem 1: Com trajetória no mundo da moda, Pietra Bertolazzi também ficou conhecida por trabalhar como *DJ* e produtora musical, a partir do ano de 2017



Fonte: Baranyi (2017).

Imagem 2: Em 2022, em participação na *Super live da Liberdade*



Fonte: Bertolazzi (2022).

Imagem 3: Em 2023, no retiro com Padre Paulo Ricardo



Fonte: Bertolazzi (2023).

Observa-se, assim, uma reconfiguração de sua atuação pública e midiática. Com 925 mil seguidores em sua conta no *Instagram*, Pietra usa a radicalização ideológica para mercantilizar seus infoprodutos, transitando de posturas discursivas de tom mais contido e moderado para performances marcadamente polemistas, por vezes radicalizadas, com conteúdos de cunho machista e homofóbico, especialmente em programas e podcasts apresentados por homens. Sua presença nas mídias sociais associa-se, sobretudo, à legitimidade simbólica que uma figura feminina confere a esses grupos majoritariamente masculinos, frequentemente vinculados a comunidades *red pill* (comunidades *online* masculinistas), e aos seus discursos sobre masculinidade e virilidade. Nesse contexto, suas intervenções tendem a

reforçar interpretações conservadoras das relações entre homens e mulheres, frequentemente apresentando soluções extremadas para demandas percebidas no âmbito das transformações das sociedades ocidentais contemporâneas.

Em 2024, Bertolazzi participou do 1º Congresso Antifeminista de Santa Catarina, na Assembleia Legislativa, organizado pela deputada Ana Campagnolo (PL/SC), no qual abordou o tema “Respeito e autenticidade feminina, a beleza da modéstia”. Em sua fala, atribuiu à revolução sexual o crescimento nos casos de doenças mentais entre mulheres, a invenção da pílula anticoncepcional e a dissociação do sexo da sua finalidade para procriação (ALESC, 2024).

Imagem 4: Participação no 1º Congresso Antifeminista na Assembleia Legislativa de Santa Catarina



Fonte: Bertolazzi (2024).

Segundo Pietra, “resgatar tradições não é retroceder, é nos reencontrar com a verdade” (Bertolazzi, 2025a). Além do clube *Raízes da Verdade*,

voltado para mulheres que querem alcançar uma vida equilibrada e produtiva, tornando-se extremamente interessantes (Bertolazzi, 2024a), seus principais infoprodutos são os cursos *Doutrina Zero*, voltado para “pais, adolescentes e pessoas de todas as gerações que hoje se encontram totalmente nas mãos das narrativas da esquerda”, libertando-as “através da verdade” (Bertolazzi, [s.d]); e, o *Desafio dos Três Pilares* (D3P), “uma experiência de imersão completa que vai resgatar sua feminilidade, elevar sua confiança e te dar a força necessária para brilhar em todos os aspectos da sua vida” (Bertolazzi, [s.d]). Em 2022, Bertolazzi lançou a publicação *O mínimo sobre a doutrinação*, parte da coleção de livros de bolso da Editora O Mínimo, que teve como autora da edição sobre Feminismo a parlamentar Ana Caroline Campagnolo. Em abril de 2025, lançou, junto do psicólogo tomista Felipe Botelho, *O Guia Católico*, um curso voltado:

para quem se converteu recentemente e quer começar com base segura; para quem voltou para a Igreja depois de muito tempo; para quem sempre foi católico, mas nunca entendeu bem sua fé; para quem deseja ensinar, liderar, formar outros com firmeza; para quem sente que algo está faltando, mesmo dentro da Igreja; [e] para quem sente que algo está faltando, mesmo dentro da Igreja; [e] para quem quer viver a fé católica com mais segurança, coerência e verdade (Bertolazzi, [s.d]).

Ana Caroline Campagnolo é uma mulher branca, de 34 anos, nascida na cidade de Itajaí/Santa Catarina. Licenciada desde 2011 em História pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó, atuou como professora da Educação Básica até ter sido eleita como deputada estadual em 2018, pelo Partido Social Liberal (PSL), com pouco mais de 34 mil votos. No pleito seguinte, já filiada ao Partido Liberal (PL), teve o feito de ser reeleita como a pessoa mais votada da história do estado para o referido cargo, alcançando 196.571 votos (Campagnolo, 2022). Campagnolo se declara publicamente como evangélica, e é casada com Thiago Galvão, um homem católico com quem tem duas filhas – Catarina e Joana. Apesar de professar religião distinta da do marido, ela adota uma postura ecumênica; sua casa possui

inúmeras imagens de santos e as crianças são publicizadas frequentemente brincando com eles.

Imagem 5: Ana Caroline Campagnolo



Fonte: *Facebook*/Reprodução⁴.

⁴ Imagem utilizada em diversos veículos noticiosos, como em: <https://veja.abril.com.br/politica/mp-reage-a-aliada-de-bolsonaro-e-pede-que-escolas-barrem-intimidacao/>. Acesso em 08/08/2025.

Imagem 6: Batizado da filha mais velha de Ana Caroline Campagnolo



Fonte: https://www.instagram.com/p/CPhCBtxFkhw/?img_index=10. Acesso em 08/08/2025.

Assim como alguns de seus correligionários do PL, como o deputado federal Nikolas Ferreira, Campagnolo é bastante ativa no *Instagram*, cuja conta tem 2,3 milhão de seguidores e pelo qual divulga seus infoprodutos⁵. Ela possui: o *Clube Brasil*, um curso sobre a atividade parlamentar; os *Clube Campagnolo 1.0* e *Clube Campagnolo 2.0*, que são um misto de cursos sobre temas políticos/conservadores e clubes de leitura; o *Clube antifeminista*, que visa recontar a história do feminismo desde seus primórdios até os dias atuais, apontando o que seriam mentiras e equívocos do movimento; a *Oficina 10 Mentiras Feministas*, que apresenta uma visão antifeminista sobre educação, voto, mercado de trabalho e vida doméstica; e a *Videoteca*, que agrega todas as iniciativas anteriores conjuntamente⁶.

⁵ Disponível em: <https://www.instagram.com/anacampagnolo/?hl=pt-br>. Acesso em 11/02/2026.

⁶ Disponível em: <https://www.cursology.com.br/curso/videoteca>. Acesso em 08/08/2025.

Campagnolo também é autora e/ou organizadora de seis obras, quais sejam: *Feminismo: perversão e subversão* (2019); *Guia de bolso contra mentiras feministas* (2021), *Ensino domiciliar na política e no direito* (2022), *O mínimo sobre o feminismo* (2022), *A Hidra Feminista* (2025a); e *Não existe cristã feminista* (2025b). Seu primeiro trabalho, lançado após a reprovação de Campagnolo na dissertação de mestrado defendida no Programa de História da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), bem como a controvérsia que envolveu a deputada e sua ex-orientadora em processos judiciais, já foi objeto de escrutínio acadêmico (Furlani, 2024), bem como se investigou suas inspirações e proposições na constituição do antifeminismo brasileiro (Barbosa, 2025).

Para este artigo, toma-se como referência o livro *A Hidra Feminista*, por ser possível considerá-lo uma reflexão mais amadurecida de Campagnolo após suas diversas frentes de combate ao feminismo⁷. Nele, a autora se vale da imagem mitológica da hidra de Lerna, vencida por Hércules, cuja cabeça era composta por serpentes que podiam se regenerar caso fossem cortadas. De hálito venenoso, o assim chamado por Campagnolo de monstro é tido como a analogia perfeita para o feminismo, uma “besta política” (Campagnolo, 2025a, p. 16) de quatro cabeças: a universitária, a militante, a midiática e a parlamentar.

⁷ O livro *Não existe cristã feminista* foi lançado poucos meses depois de o *A Hidra Feminista* e tem caráter mais teológico, portanto, não será diretamente mencionado.

Imagem 7: Lançamento do livro *A Hidra Feminista*, com posfácio da deputada portuguesa Rita Matias



Fonte: *Facebook*/Reprodução⁸.

Da narrativa dos eixos expostos no livro de Campagnolo e em comum com os dados coletados quanto à atuação de Bertolazzi, podemos evidenciar os seguintes pontos a que chamaremos atenção nas próximas seções: 1) o ferrenho combate ao que é chamado de “doutrinação” e o estabelecimento de uma dura crítica à educação formal; e 2) a continuidade de ações contra o feminismo a partir da defesa de determinadas masculinidades e seus direitos.

⁸ Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=565890169840973&set=pcb.565890463174277>. Acesso em 08/08/2025.

DE QUE TIPO DE DOUTRINAÇÃO ESTAMOS FALANDO?

Em 2022, Pietra Bertolazzi publicou *O mínimo sobre a doutrinação*, composto pelos capítulos *A jaula ideológica*, *A máquina da doutrinação*, *Doutrinação no Brasil*, *Agenda cultural* e *O caminho da liberdade*. Em seu livro, ela associa a “doutrinação progressista” à lavagem cerebral promovida por pessoas progressistas e de esquerda, em jovens e adolescentes, no âmbito das escolas e universidades, e também através de filmes, séries, livros e músicas que os transformam em militantes revolucionários comunistas. Seu posicionamento vem acompanhado da crítica à cultura de massa e à educação como meios onde se vende a falsa noção de liberdade e de que a adesão aos valores progressistas, opostos aos judaico-cristãos, é o que permite às pessoas alcançarem felicidade e alegria. Ela afirma que a cultura de esquerda se infiltrou nas instituições de ensino “de forma sorrateira e demoníaca”, e que o investimento direcionado durante os governos do PT foram para aprenderem “a falar ELU, ILI e ELX na escola, em nome da sororidade e inclusão” (Bertolazzi, 2022a).

Segundo Pietra, caso a direita política tivesse, nos últimos quatro anos anteriores às eleições de 2022, combatido a esquerda nas instituições de ensino e na mídia com o mesmo fervor com que ficaram indignados com a derrota de Jair Bolsonaro para a presidência, jamais o Partido dos Trabalhadores (PT) teria voltado ao poder (Bertolazzi, 2022b). Durante o período em que trabalhou na Jovem Pan, seu discurso esteve direcionado para a crítica ao cerceamento da liberdade de expressão e de imprensa (estabelecendo relação dessas práticas com países governados pela esquerda política) e à ameaça da instauração de um regime comunista.

É possível observar em seu discurso o investimento no regime de oposição, associado a uma cultura hedonista de entrega às paixões, entre valores como felicidade, alegria, prazer, vício, libertinagem e infantilidade, opostos a paz, dor, sacrifício e maturidade. Ao afirmar ser efeito da busca por evitar todo tipo de desconforto, recorre ao argumento de Olavo de Carvalho, para quem existem pessoas que estão na “quarta camada” por seguirem o

próprio coração e agirem de acordo com os sentimentos, permanecendo na infantilidade emocional (Bertolazzi, 2023). A mesma crítica é feita ao analisar a cultura *mainstream* enquanto um sistema imoral que expõe as pessoas a determinado padrão estético que naturaliza o que é feio, “a falta de apuro estético (o famoso “mau gosto”), que, por sua vez, vem sempre acompanhado de valores imorais” (Bertolazzi, 2024b). O *mainstream* estaria acompanhado da defesa do belo, do harmonioso e da paz, assim como a defesa da importância de se instaurar uma frente cultural para fazer oposição à crise moral que se instaurou na sociedade. Em oposição à estética reforçada pela cultura, dominada pela agenda comunista, Pietra defende a virtude da modéstia como um meio para mostrar sua nobreza de caráter e seu coração caridoso (Bertolazzi, 2023a).

Segundo ela, a doutrinação possui relação com qualquer pauta ideológica defendida pela esquerda, não havendo correspondência entre a doutrina progressista e a realidade, ou a verdade. Nesse sentido, ela se posiciona como quem colabora para que a verdadeira história seja contada, em detrimento de falsas narrativas, impedindo a relativização de verdades que seriam únicas e absolutas. Importante destacar que o discurso da defesa da verdade vem acompanhado da divulgação de *fake news*, como na postagem de 25 de agosto de 2023, na qual Bertolazzi divulga uma imagem com adesivos com frases como *nobody knows i'm gay e satan loves me*, para afirmar que às “crianças de 10 anos de idade, na escola Graded, em São Paulo, *stickers* “divertidos” são distribuídos. “Quando eu falo que a batalha é espiritual, ainda tem gente que acha que é teoria da conspiração” (Bertolazzi, 2023b).

Desde 2022, intensificando a partir de 2024, Pietra assume uma posição abertamente crítica à democracia, com frases como: “Dizem que a única coisa que o diabo criou foi a mentira, mas eu desconfio que ele tenha criado a democracia também” (Bertolazzi, 2024b); e “Se democracia fosse bom, não começava com “demo” (Bertolazzi, 2024c). Como uma persona *online* ideológica enraizada em identidades que consagram sistemas de valores como o heteropatriarcado, o antifeminismo, o tradicionalismo e o nacionalismo,

Pietra retoma, em 2024, o curso *Doutrina Zero*, após se dedicar, em 2023, ao *Desafio dos Três Pilares* (D3P).

Ao tratar do catolicismo e da Igreja Católica enquanto instituição, Bertolazzi, associa doutrinação à Teologia da Libertação e à “infiltração de agentes comunistas na Igreja Católica”, na qual católico “que vota na esquerda é como se um judeu votasse a favor do próprio Hitler, [pois, se] Jesus é vida, e o socialismo é morte, esse católico que fala que vota no Lula nada mais é do que um idiota útil herege” (Bertolazzi, 2022). Como forma de fazer oposição à Teologia da Libertação e à presença de valores de esquerda no âmbito da Igreja, Pietra defende a necessidade da presença de “católicos militantes”, pois se “nós não temos tantas pessoas militantes, você se deixa ludibriar pelo resto do mundo por que o resto do mundo é militante, não só o protestantismo, mas todas as religiões falam sem medo nenhum, elas demonizam o catolicismo” (Bertolazzi, 2023c).

A defesa do catolicismo estaria relacionada, portanto, tanto à reação à modernidade, ao “relativismo” de valores, quanto à defesa da verdadeira espiritualidade frente a outras práticas, como *New Age* e religiões afro-indígenas. É possível observar a presença explícita de intolerância religiosa em postagens como a mencionada abaixo, nas quais Pietra associa as religiões afro-brasileiras a seitas satânicas, àquilo que é socialmente construído como feio ou degradado, e a valores considerados imorais. Esse tipo de enunciação mobiliza estigmas historicamente dirigidos a tradições como o candomblé e a umbanda, reproduzindo discursos que deslegitimam essas religiões ao vinculá-las ao mal, à perversão moral e à ameaça à ordem social. Ao recorrer a tais associações, a postagem não apenas expressa uma posição religiosa exclusivista, mas também reforça hierarquias simbólicas que opõem o cristianismo a práticas religiosas racializadas, contribuindo para a naturalização da discriminação e da violência simbólica contra grupos historicamente marginalizados no campo religioso brasileiro.

Imagem 8: Representações de Bertolazzi quanto às religiões afro indígenas



❤ 14,6 mil 💬 458 ↻ 🔖 2.380 📌

pietrabertolazzi As ideias torpes da esquerda não entram no imaginário de uma sociedade apenas através da política propriamente dita.

Muito pelo contrário, um regime imoral, para ser instaurado, precisa que toda uma civilização esteja com o olhar distorcido a respeito de tudo. Isso inclui a música, a moda, o cinema, o teatro e as artes no geral.

Quando ficamos expostos ao que é feio, a tendência é nos acostumarmos a esses determinados padrões estéticos. Surge assim a falta de apuro estético (o famoso "mau gosto"), que, por sua vez, vem sempre acompanhado de valores imorais.

Fonte: Bertolazzi (2024).

Em comum entre Bertolazzi e Campagnolo, há a permanência da retórica da defesa da verdade, em detrimento de falsas narrativas, e uma crítica

contundente à mídia *mainstream* e/ou à cultura de massa. Porém, se de um lado, Bertolazzi mobiliza a noção de democracia como “uma ditadura da maioria”, de outro, Campagnolo, quando aciona a mesma categoria, é para defender o contraditório, acusando a universidade de “antidemocrática”, “anticientífica”, “profunda enfermidade intelectual”, cuja ciência é “totalmente substituída pela ideologia” e promotora de “trabalhos obscenos e duvidosos” e da prostituição como “estilo de vida aceitável e elogiável” (Campagnolo, 2025a, p. 77, 78, 83). Ana ataca as performances políticas, artísticas e culturais que acontecem no ambiente acadêmico, além das publicações de cunho feminista, dissertações, teses e artigos, tais quais os publicados nos Cadernos Pagu (citado nominalmente pela autora). Ela desqualifica esses produtos, rotulando-os de “pretexto para nudez e pornografia”, “obscenidade institucionalizada”, promoção da “agenda gayzista e de gênero” e “relativização da pedofilia” (Campagnolo, 2025a, p. 84, 85, 87).

Das 227 páginas de seu trabalho⁹, 75 se destinam a tratar do eixo universitário, que é visto como o produtor das narrativas que alimentam as militâncias sociais, as mídias e as diversas ações do parlamento. Para Campagnolo, trata-se do *locus* de “treinamento para a prática da doutrinação política nas escolas em todos os níveis”, que produz a “única versão aceita para o que chamamos de conquistas feministas” (Campagnolo, 2025a, p. 18). Segundo ela, professores, editores e pesquisadores estariam produzindo um conluio cujo objetivo seria a transmissão do compromisso político pessoal travestida da ideia de ampliação da cidadania por meio da educação. Trazendo dados do jornal *Gazeta do Povo*¹⁰, referentes a 2017, ela retrata as universidades públicas como espaços esmagadoramente “de esquerda” e acrescenta que

⁹ O posfácio, escrito por Rita Matias, ocupa as outras 33 páginas que finalizam a obra.

¹⁰ A *Gazeta do Povo* é um periódico sediado em Curitiba que, a partir de 2017, passou por uma inflexão editorial marcada por um alinhamento consistente à direita e, em diversos momentos, a posições associadas à extrema direita. Desde então, o veículo tem mantido essa orientação, expressa na escolha de pautas, enquadramentos noticiosos e no espaço concedido à colunistas identificados com agendas políticas e morais conservadoras no debate público brasileiro.

há preponderância da cultura feminista nas Ciências Humanas a treinar alunos para que se tornem “novos militantes” (Campagnolo, 2025a, p. 22, 23). Vale destacar que a leitura da universidade feita pela deputada se pauta em exemplos sobretudo (ainda que não exclusivamente) das Humanidades.

Ao contar o que ela denomina “Caso Campagnolo”, Ana narra que, ao ter ingressado em uma linha feminista de um programa de Pós-graduação, foi perseguida por alunos e acareada por sua orientadora em razão de publicar na internet conteúdos conservadores que confrontavam diretamente a perspectiva adotada pelo grupo universitário. Em troca de e-mail (parte deste se encontra exposta no livro), ela argumenta que pretendia utilizar os referenciais teóricos feministas, e que não iria “envenenar [o] trabalho com ‘ideias conservadoras’” (Campagnolo, 2025a, p. 55). No entanto, sua desonestidade intelectual – de considerar que poderia escrever uma dissertação instrumentalizando as obras, ainda que as julgasse mentirosas – fez a então orientadora abandonar a supervisão. A deputada acabou por defender o texto de outro tema, com professores distintos em banca, e ser reprovada. Ana afirma que os docentes que a avaliaram tinham associação com a ex-orientadora, interpretando a reprovação como perseguição ao seu conservadorismo e censura de pensamento.

Ainda outro caso que merece destaque e que é acionado por ela para exemplificar como o feminismo tem sucesso, a partir do fomento à reflexão intelectual desdobrado na concretização de suas pautas em formato de lei no âmbito parlamentar, é o do Programa Maria da Penha vai à Escola, instituído pela Lei 18.549, de 20 de dezembro de 2022. Ana relata a recepção no contexto de Santa Catarina, mas afirma que o Programa foi idealizado nacionalmente, com a parceria do antigo Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, e foi anunciado ainda no governo de Jair Bolsonaro. Destinado a ensinar sobre a Lei Maria da Penha e coibir violência doméstica por meio da sensibilização de crianças e adolescentes nas escolas, o programa é interpretado como a “institucionalização da ideologia feminista que ocupará essa brecha no currículo escolar oficial para colocar suas garras no pescoço de todas as crianças do sistema de ensino” (Campagnolo, 2025a, p. 25).

Sua crítica principal está fundamentada no *e-book*¹¹, disponibilizado pelo Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios, antes da sanção da lei, em 2017, que versava sobre o conceito de gênero e seus estereótipos, e sobre o feminismo e suas três ondas. Convicta de que se trata da inculcação da “doutrina feminista” (Campagnolo, 2025a, p. 29), Ana soma ao exemplo a Lei 14.986, de 25 de setembro de 2024¹², que torna obrigatório, no ensino fundamental e médio, público e privado, “a inclusão de abordagens fundamentadas nas experiências e nas perspectivas femininas nos conteúdos curriculares” (Brasil, 2021). Para ela, trata-se de um estratagema para ensinar sobre autoras feministas, como Frida Kahlo e Simone de Beauvoir, em detrimento de outras mulheres, como a Princesa Isabel e Margaret Thatcher.

¹¹ Disponível em: <https://www.tjdft.jus.br/informacoes/cidadania/nucleo-judiciario-da-mulher/documentos-e-links/arquivos/e-book-maria-da-penha-vai-a-escola>. Acesso em 02/08/2025.

¹² Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2024/lei/114986.htm. Acesso em 02/08/2025.

Imagem 9: Ana Campagnolo utilizando a tribuna da Assembleia Legislativa de Santa Catarina para defender-se das críticas recebidas pela “militância feminista”



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=LEIE_cFxZ4k. Acesso em 08/08/2025.

No *A Hidra*, Campagnolo também traz exemplos de professores de universidades estrangeiras e brasileiras para ilustrar a perseguição aos conservadores impetrada pelas feministas e adeptos do movimento, que leva à cultura do cancelamento em função da resistência à “ditadura do politicamente correto” (Campagnolo, 2025a, p. 41, 45). São poucas as mulheres mencionadas pela deputada no livro que teriam rompido com o feminismo ou feito críticas a ele. A que recebe mais destaque e é amplamente citada é a acadêmica Camille Paglia. Nessa obra, ao não reconhecer as dissidências do feminismo, bem como a pluralidade de suas correntes, Campagnolo planifica o movimento e atribui a ele um enraizamento cultural que ainda está longe de ser alcançado até mesmo aos olhos de suas mais ferrenhas adeptas.

DE QUE TIPO DE MASCULINIDADE ESTAMOS FALANDO?

Pesquisas recentes destacam a relação entre conservadorismo religioso e extrema direita, e a defesa de um modelo de masculinidade baseada na construção do homem como minoria sexual, da vilanização dos homens e da “retórica da perda” (Vital da Cunha, 2020). Afirmando a necessidade de se “resgatar” os direitos masculinos perdidos e de defender uma “masculinidade viril”, tomam a masculinidade como um vetor identitário, constituindo nas redes sociais uma “machosfera”, composta por movimentos masculinistas exacerbados, especialmente os religiosos (Vilaça e D’Andréa, 2021). Segundo relatório produzido pelo Observatório da Indústria da Desinformação e Violência de Gênero nas Plataformas Digitais, em parceria com a NetLab-UFRJ e o Ministério das Mulheres do Governo Federal, houve nos últimos anos, um:

crescimento expressivo da “machosfera” e do volume de conteúdos potencialmente misóginos no *YouTube* (...), particularmente evidente a partir de 2022, quando ocorre um aumento significativo de vídeos com narrativas masculinistas. Predominam conteúdos que disseminam teorias conspiratórias prejudiciais à igualdade de gênero e comportamentos nocivos às mulheres disfarçados de estratégias de valorização dos homens (Santini et al., 2024).

É nesse contexto que Bertolazzi e Campagnolo contestam os ganhos do movimento feminista, acionando um tipo específico de masculinidade que deve ser não apenas recuperada, mas reconhecida como mais sofrida e, portanto, digna de proteção. Em comum, uma das críticas por elas levantada é a de que o voto não foi uma conquista feminista, mas uma concessão dos homens às mulheres. Campagnolo utiliza Simone de Beauvoir para afirmar que a luta feminina não passou de agitação simbólica, e que as mulheres não tomam nada dos homens, mas deles recebem¹³. Bertolazzi cita o livro *Feminismo: Perversão e Subversão*, de Campagnolo, como uma boa obra a

¹³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rEL6fC8IdIw>. Acesso em 03/08/2025.

demonstrar os malefícios do movimento e faz coro: “Em épocas onde o mundo era bem menos progressista e em que divórcios quase não ocorriam, as mulheres aceitavam de bom grado que o voto dos maridos representasse o voto do núcleo familiar” (Bertolazzi, 2023).

Nessa trilha, embora elas partam de concepções diferentes dos papéis que devem ser desempenhados pelas mulheres – Bertolazzi recrimina a inserção feminina no mercado de trabalho, enquanto Campagnolo não o faz, inclusive por sua posição de parlamentar –, ambas advogam pela constituição da família por meio do casamento heteroafetivo e monogâmico, e defendem a complementaridade do casal e a concepção de filhos. E as duas, por operarem essa invertida na história das lutas e dos direitos das mulheres, apresentam concepções de masculinidade bem parecidas: a do maior sofrimento dos homens.

Ao afirmar a “verdadeira” história em detrimento de falsas narrativas, doutrinações e ideologias, Bertolazzi assume uma posição abertamente crítica ao movimento feminista, sobretudo às mudanças culturais decorrentes da Revolução Sexual da década de 1960 e 1970. Consequentemente, suas opiniões são balizadas pela defesa dos homens, do patriarcado e de uma masculinidade viril e heterocentrada. Ao defender a submissão da mulher à liderança exercida pelo homem enquanto este se submete a Deus, ela justifica que, por causa disso, a qualidade de vida das mulheres tornou-se drasticamente pior a medida em que se inseriram no mercado de trabalho, deixando de serem submissas aos seus maridos às custas de se tornarem submissas ao Estado através de políticas sociais afirmativas.

Segundo a influenciadora em uma postagem no *Instagram*, os homens exercem com mais competência o papel de liderança na sociedade do que as mulheres, e equipara o casamento a uma empresa, na qual:

Você tem o dono, o *CEO*, você tem os funcionários, o cara do marketing, você tem o estagiário, tem *motoboy*, tem a mulher do café. Se todo mundo quer ser *CEO* a empresa não anda, se todo mundo quiser servir o café, a empresa também não anda. Então, toda instituição é complementar, principalmente

a da família. Se a mulher e o homem quiserem mandar igual, ou se os dois quiserem ficar lavando o chão da casa, aquela família não vai prosperar. Um tem que ser o líder, a outra tem que ser, sim, submissa [...]. Estar submissa é estar sob uma liderança, significa que você tem disciplina, juízo, que você tem bom senso e que você é sábia para respeitar a liderança do teu marido, e que você tem um papel igualmente importante a ele, só que em outro lugar. Dando apoio moral, cuidando da casa, transformando a casa num lar, educando os filhos, onde quer que seja (Bertolazzi, 2022c).

A afirmação de existirem papéis sociais determinados vai progressivamente assumindo o tom da defesa do regime de complementaridade homem-mulher (Patternote, 2018; Sales, 2021) e da família tradicional como instituição anterior à política (Marsicano, 2024), argumento amplamente defendido no âmbito do catolicismo ultraconservador e por setores evangélicos nos quais circula Campagnolo.

Ao tratar do movimento feminista, Bertolazzi afirma que ele reivindica direitos iguais somente para o exercício da libertinagem ou para ocupar posições mais altas no mercado de trabalho, como, por exemplo, *CEO* de uma empresa, ou algum cargo no legislativo. Afirma, ainda, que as mulheres não assumem as mesmas responsabilidades que os homens, tendo em vista que estes pagam as contas, têm maiores cargas horárias de trabalho, e assumem trabalhos mais árduos, como a profissão de pedreiro, ou de minerador. Nesse sentido, além de defender o argumento de que a vida dos homens é mais difícil do que a vida das mulheres, adota o argumento de que feministas querem privilégios (Bertolazzi, 2023c).

Segundo Bertolazzi, o movimento feminista, além de defender a existência de um “suposto machismo estrutural” atrelado ao “casamento patriarcal opressor”, propagou uma falsa noção de liberdade atrelada à capacitação profissional e educacional de mulheres em detrimento do estímulo para a realização de sua vocação natural: o matrimônio e a maternidade (Bertolazzi, 2022d). Nesse sentido, é possível identificar postagens em que ela argumenta

que as mulheres estão adiando a maturidade, ou seja, a constituição de uma família, a fim de cometer imoralidades (Bertolazzi, 2023d). Em suas palavras:

Quem foi que disse que a maternidade é uma prisão? (...) Quem disse que uma mulher de 18 anos de idade é nova para casar? Quem disse que ela não pode se apaixonar e conhecer um bom homem, um bom cristão? Quem disse que ela precisa fazer faculdade, e depois estudar não sei aonde e morar sozinha para ter experiência? (Bertolazzi, 2023e).

Apesar de ter se divorciado, Pietra acusa existir uma “normalização do divórcio” (Bertolazzi, 2023f). Ela diz ter se divorciado somente pois, além de ter sido criada por pais separados, não realizou o sacramento na Igreja e nem era cristã quando se casou. É possível observar que a *influencer* estabelece uma relação entre a sua experiência de conversão ao catolicismo apostólico romano e o discurso de que nunca é tarde para se começar uma vida cheia de propósito e significado, de busca pelo caminho da santidade e de crítica à perda da fé no mundo moderno (Bertolazzi, 2024c).

Além de responsabilizar as mulheres por um suposto desincentivo para que os homens sejam “machos” (Bertolazzi, 2023g; 2025a), Pietra também acusa o movimento feminista de ter provocado a inversão de papéis no âmbito da família e no mercado de trabalho, promovendo a desmasculinização do homem e a masculinização da mulher. Baseada na noção de que a sociedade é composta por homens fracos e fortes, de um lado, haveria o homem “macho”, submisso a Deus, líder da família, honrado e nobre, e, do outro, o que ela nomeia como “pai de *pet*”, ou seja, o homem feminizado, que faz *yoga*, *reiki*, usa coque, faz a sobancelha e não quer ter a responsabilidade de se casar e ter filhos (Bertolazzi, 2023h). Os homens fortes seriam *viris* e capazes de dar a vida pela nação e pela família, enquanto os fracos seriam compreensivos e com sentimentos exacerbados: “Você vê que o cara quando é muito compreensívão ele não tem muita testosterona” (Bertolazzi, 2023i).

O comportamento complacente, que culminaria na fraqueza da masculinidade, teria relação com o “culto à tolerância, a empatia, e a imoralidades

(travestido de bom-mocismo)”, o que desencadearia, segundo ela, a ausência de princípios sólidos, de virtudes, e o aprisionamento a um niilismo identitário (Bertolazzi, 2023j). A tolerância implicaria aceitar opiniões e crenças contrárias à moral cristã em nome da empatia, admitindo uma realidade na qual “cada um tem a sua verdade”, e, portanto, relativizando a verdade. Para além da compreensividade e da timidez em excesso como um sinal de fraqueza” (Bertolazzi, 2023k), Pietra destaca como indício de que o homem será um péssimo marido o fato de ele seguir nas redes sociais mulheres que postam fotos sensuais e de biquíni, usar calças e camisas mais justas do que a mulher, ser viciado em celular, computador e videogame, não buscar amadurecimento intelectual, viver uma vida “do mundo” como se não houvesse outra alternativa, e morar com os pais sob as justificativas de que morar sozinho é caro, de que não gosta de se sentir sozinho ou que está esperando encontrar uma mulher que vá cuidar dele tão bem quanto a mãe (Bertolazzi, 2023l).

Outro exemplo que pode ser citado como demonstrativo da percepção de Bertolazzi sobre a masculinidade foi quando ela, no dia 11 de fevereiro de 2023, participou de um retiro com a direção espiritual do padre ultraconservador Paulo Ricardo e de seu professor de *karatê*, Sensei Corisco. Essa relação entre desenvolvimento espiritual e o cuidado com o corpo demonstra a defesa, exercida por atores tradicionalistas e/ou ultraconservadores, da virilidade como um atributo performado por homens e mulheres, e a prática da luta marcial como mecanismo de incorporação das virtudes da disciplina, da nobreza, da honra e do respeito à hierarquia. Em entrevista realizada por Bertolazzi no Programa *Ponto de Virada*, com o Sensei Corisco, com quem iniciou suas aulas de karatê, ela se refere a ele como “um intelectual das artes marciais”. Tendo como referência Bento XVI e João Paulo II, e um discurso baseado no “espírito do cavaleiro templário”, Sensei Corisco afirmou ministrar cursos de formação humana, com aulas de luta voltadas para formação de caráter e de virtude. Ao tomar como exemplo padre Paulo Ricardo, afirma, com base nos ensinamentos de Bento XVI, que o pudor

e o senso estético são exemplos de caridade, consistindo a modéstia, tanto feminina quanto masculina, como um fim e um meio para a maturidade.

Imagem 10: Padre Paulo Ricardo segurando o livro “O que é o cristianismo?” do Papa Bento XVI



Fonte: Bertolazzi (2023).

Embora as trajetórias de Campagnolo e Bertolazzi sejam muito diferentes em termos de atuação pública, a crítica ao feminismo e a defesa de que a masculinidade é um risco social expressivo, é encontrada em ambas as religiosas. No livro *A Hidra Feminista*, Campagnolo visa desconstruir a ideia de que mulheres são o sexo oprimido pelo masculino privilegiado e desmontar estatísticas popularmente divulgadas quanto à violência contra a mulher, argumentando que se trata de mentiras feministas que ganham grande circulação. Ela afirma que “basta ouvir ou ler um jornalista da grande mídia para perceber que estão apenas reciclando ou remodelando

[...] os conceitos universitários” (Campagnolo, 2025a, p. 131). A irresponsabilidade das mídias é exemplificada a partir da menção ao livro *Quem roubou o feminismo?*, de Cristina Hoff Sommers, que defendeu haver uma correlação espúria entre o evento esportivo Super Bowl e o aumento de 40% da violência doméstica no dia de início dos jogos de futebol americano, nos Estados Unidos (os dados são de 1993). Ela menciona também uma matéria do jornal O Globo, que divulga a taxa da ONU, qual seja, de que, em média, 56% das mulheres são mortas em casa enquanto o número, para os homens, é de 11%. Cotejando com dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública, Campagnolo diz:

Considerando o número de homicídios registrados no Brasil em 2022, obtemos a informação completa de que os homens somam 91,4% das 47.452 mortes violentas intencionais no país. Se aplicássemos a fórmula irresponsável mencionada na matéria feminista [que traz os dados da ONU], teríamos um número absoluto de 4.770 homens assinados em suas casas contra 2.285 mulheres na mesma condição. Evidentemente, esses dados não confirmam a narrativa feminista (Campagnolo, 2025a, p. 135).

Embora a conta possa parecer correta à primeira vista, é preciso salientar que a “fórmula feminista” leva em conta dados que ultrapassam o cenário brasileiro (ONU), apagando idiosincrasias regionais. Mas ainda que ela pudesse ser replicada à risca para a compreensão dos dados do país, há fatores contextuais omitidos na exposição. Primeiro, se olharmos a proporção de mortes violentas intencionais no Brasil (usando o Anuário de 2023¹⁴, citado por Campagnolo), veremos que a maioria esmagadora de óbitos masculinos carrega o peso dos homicídios causados por confrontos policiais e violências externas ao espaço doméstico. Segundo e mais importante: no mesmo documento (tabela 27, p. 128), fica evidente que a proporção de feminicídios em relação aos homicídios de mulheres gira em torno de 35%, isto é, trata-se

¹⁴ Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>. Acesso em 11/02/2026.

de uma alta taxa de mortes pela razão exclusiva de se ser mulher, o que não se observa entre os homens. Portanto, continua sendo chocante não apenas o falecimento de 56% de mulheres no lar em relação a 11% dos homens, mas o fato de todas as taxas de violência contra as mulheres apresentarem registro de crescimento no mesmo anuário – ameaças e agressões domésticas, assédio e importunação sexual, estupro e homicídios dolosos de mulheres. O feminicídio em si havia crescido 6,1%.

A autora também chama a atenção para a “demonização masculina” operada pela mídia e que teria contaminado a opinião popular no caso do processo contra estupro envolvendo Mariana Ferrer e o empresário André de Camargo Aranha. De acordo com Campagnolo, a hostilização e a rotulação permaneceram sobre o réu, a despeito da comprovação de que não houve ato sexual não consentido. A deputada diz que Ferrer “virou apelido e motivo de lei”, a Lei 14.245¹⁵, de 22 de novembro de 2021, mas não menciona o teor da norma nem dá ao leitor informações sobre os constrangimentos e as exposições de intimidade sofridas por Ferrer durante a sessão de audiência¹⁶ (OAB, 2020). Campagnolo desloca o foco da vítima (não a considera assim, dado o resultado do processo) e ressalta o prejuízo dos homens. Conta da multa que uma das jornalistas teve de pagar pela descrição falaciosa e difamatória do juiz e do processo, e ressalta que, “no caso Mari Ferrer, o juiz, o promotor e o advogado foram ostensivamente expostos pela mídia. São os bodes expiatórios que se multiplicam a cada dia” (Campagnolo, 2025a, p. 146).

De modo não menos importante, Ana traz no livro o caso do vereador da cidade de Lontras/Santa Catarina, Valdemar Ignaczuk (conhecido como

¹⁵ A lei institui que “todas as partes e demais sujeitos processuais presentes no ato deverão zelar pela integridade física e psicológica da vítima, sob pena de responsabilização civil, penal e administrativa”. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/lei/l14245.htm. Acesso em 03/08/2025.

¹⁶ Disponível em: <https://www.oab.org.br/noticia/58515/nota-de-repudio-caso-mariana-ferrer>. Acesso em 03/08/2025.

Rabuja), que, em março de 2022, em evento organizado pela Federação das Câmaras de Vereadores do estado (UVESC), confrontou a deputada Luciane Carminatti, do Partido dos Trabalhadores (PT), que palestrava no encontro. Rabuja teria perguntado, no meio de palestra sobre o impacto da violência doméstica sobre as mulheres, quanto ao número de homens que sofriam do mesmo agravo. Carminatti, cujo nome é ocultado no livro de Campagnolo, já atuou como vereadora, segue como deputada estadual por quatro mandatos consecutivos, e é coordenadora da Bancada Feminina da Assembleia Legislativa do estado de Santa Catarina. Ela afirmou que foi “reiterada e insistentemente interrompida por um vereador que proferia a falácia da “violência é violência”, negando a existência covarde, cruel e devastadora da violência de gênero”. Disse ainda que se sentiu “publicamente atacada, desrespeitada e constrangida em [seu] direito de expressão como palestrante convidada”¹⁷. A intervenção de Rabuja foi classificada como agressão e violência política de gênero, ele foi vaiado pelos demais vereadores da casa, e uma moção de repúdio foi feita contra ele ao final do evento.

Para Campagnolo, tratou-se de “vitimização seguida de ataque coordenado [que] serve como instrumento de silenciamento daqueles que buscam o bem comum por meio da imparcialidade dos fatos ou do debate de problemas e suas soluções” (Campagnolo, 2025a, p. 153). Campagnolo emitiu detalhada nota em defesa de Rabuja, evocando “o direito à liberdade de expressão e ao debate verdadeiramente democrático sobre as relações entre os sexos”¹⁸. No documento, ela apresenta estatísticas “amargas” que afetam os homens e que não são examinadas pelas feministas, tais como: os homens serem 80% dos moradores de rua, serem os que desempenham os empregos mais perigosos, serem mais vitimados por mortes violentas e

¹⁷ Disponível em: <https://lucianecarminatti.com.br/manifesto-sobre-o-episodio-de-violencia-politica-em-encontro-estadual-de-vereadores-e-vereadoras-de-santa-catarina>. Acesso em 03/08/2025.

¹⁸ Disponível em: <https://anacampagnolo.com/wp-content/uploads/2022/11/NOTA-DE-APOIO-CASO-RABUJA.pdf>. Acesso em 03/08/2025.

acidentes de trabalho, terem maior índice de vício em drogas e o dobro de chance de se tornarem alcoólatras, participarem do alistamento obrigatório, entre outros. Todos os dados trazem links de matérias jornalísticas. Na nota, ela também cita, com base em uma pesquisa portuguesa, que os homens sofrem violência doméstica, sobretudo maus-tratos psíquicos e físicos, mas que são “humilhados e descreditados por terceiros e por instituições policiais e judiciárias” desistindo, assim, da denúncia¹⁹.

Se contrapondo novamente à lógica de ser a mulher a vítima preferencial das agressões que ocorrem no ambiente doméstico, Campagnolo, pautando-se em uma pesquisa independente (não localizada para consulta), conduzida por Daniel Barbosa Reynaldo, funcionário da prefeitura do Rio de Janeiro²⁰, afirmou que “a maioria das denúncias de agressões praticadas em ambiente doméstico foram praticadas por mulheres, principalmente contra crianças, adolescentes e idosos” (Campagnolo, 2025a, p. 156). Para ela, o ocultamento de informações que revertem o senso comum sobre a violência é parte de “estratégia de silenciamento” e “distorções ideológicas”, isto é, caracteriza “o exagero, a desproporção e a completa inversão [que] são a marca registrada da militância feminista diante do contraditório” (Campagnolo, 2025a, p. 158, 164, 179).

Em resumo, tanto Bertolazzi quanto Campagnolo reiteram uma masculinidade patriarcal, viril e heteroafetiva, bem como os papéis biologicamente determinados quanto aos gêneros. Ambas reforçam que a divisão social do trabalho acaba por desfavorecer os homens, que sofrem mais e cujos prejuízos são estrategicamente invisibilizados por falsas estatísticas. O feminismo é visto por elas, assim, tanto como fonte de desmasculinização dos homens

¹⁹ Disponível em: <https://anacampagnolo.com/wp-content/uploads/2022/11/NOTA-DE-APOIO-CASO-RABUJA.pdf>. Acesso em 03/08/2025.

²⁰ A ocupação de Daniel é mencionada em <https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/os-verdadeiros-numeros-sobre-a-morte-de-lgbts-no-brasil-95bmcp4302gyjdozzpjmiuhyl/>. Acesso em 03/08/2025.

quanto como produtor de mentiras sobre as reais situações desvantajosas e violentas por eles enfrentadas.

CONCLUSÃO

É notório que, pelo menos a partir dos anos 1990, o apelo democrático para que questões de gênero fossem discutidas nas políticas públicas, como visto na IV Conferência Mundial sobre a Mulher, realizada pela ONU, em Pequim, em 1995, veio gerando um reacionarismo conservador por meio de mobilizações e campanhas que foram chamadas de *backlash* (Faludi, 1991). Ações anti-gênero são uma espécie de contra-ataques anti-feministas do espectro da direita (extrema direita, ultradireita), em parte importante encabeçados por mulheres, ainda que não apenas. Trata-se de um fenômeno global, percebido em diversos países, como Itália, Estados Unidos, França, Hungria, Romênia e outros da América Latina, como o Brasil. Evocando sobretudo noções como a de família heteropatriarcal e se posicionando contra direitos reprodutivos, educação sexual nas escolas e união entre pessoas do mesmo gênero, estamos falando de um neoconservadorismo capaz de traduzir pautas públicas e de direitos em gramáticas e subjetividades neoliberais (Biroli et al., 2020; Machado, 2018; Martinez e Rosas, 2025; Solano et al., 2023).

Como parte desse movimento, trouxemos duas figuras públicas emblemáticas no meio cristão, uma católica e outra evangélica, ainda que esta última possa atingir também parte de uma audiência católica. Os casos selecionados demonstram as adaptações locais do antifeminismo, bem como suas variações de intensidade, narrativas e argumentos. De um lado, analisamos imagens, textos e pontos de vista dispostos no *Instagram* de Pietra Bertolazzi. De outro, nos debruçamos sobre a construção de dados e argumentos de um dos livros de Ana Caroline Campagnolo, ainda que parte de seu conteúdo e eventos de lançamento da obra também fossem reiteradamente expostos no *Instagram*, plataforma que vem alterando o

modo de publicização e representação das identidades políticas antifeministas (Barbosa, 2025).

Nossa análise foi bicêntrica. Primeiro, exploramos a crítica feita por ambas quanto à “doutrinação”. Nessa esteira, a “esquerda” foi compreendida em sentido lato, sendo alvo preferencial das acusações, e considerada alimentadora de uma cultura de massa dissociada da realidade. Tanto Bertolazzi quanto Campagnolo disseram defender uma “verdadeira narrativa”, que estaria sendo encoberta ora por perseguição/censura ao pensamento conservador (como pela máquina universitária que alimentaria a militância social, as ações do Parlamento e as mídias), ora pelo ocultamento de certos fatos, como a distribuição de adesivos propagadores de uma “agenda gayzista”. Nesse sentido, um ponto de divergência entre as personagens que analisamos diz respeito à democracia. Enquanto Bertolazzi a critica, Campagnolo a sustenta como meio de defender suas ideias e atuação política.

Outro núcleo de nossa análise foi a masculinidade. Ambas apontaram para o maior sofrimento dos homens e sua “demonização” por parte das feministas. Evocaram, assim, a norma heteropatriarcal a fim de reiterar claras divisões de gênero, aproximando-se do que defendem comunidades masculinistas. Ambos os conteúdos considerados apontavam para uma desconstrução do feminismo por meio de seu descrédito e rebaixamento, atribuindo-lhe um suposto descaso com as preocupações das mulheres, no que toca a liberdade, proteção, autonomia e direitos²¹.

Embora no *A Hidra Feminista*, Campagnolo não acione repertório religioso como argumento central, como faz Bertolazzi em muitas de suas postagens, seu posicionamento cristão nunca é omitido em redes sociais, em podcasts dos quais participa e em suas demais aulas e publicações, de modo que a autoridade intelectual que vem construindo está embrenhada, se confunde e por vezes chega a ser impulsionada por sua identidade religiosa. Fica claro, portanto, que a religião é peça-chave na elaboração e rotinização de práticas e tecnologias pedagógicas (postagens, palestras, cursos, clubes,

²¹ O mesmo foi observado sobre Campagnolo em Furlani (2024).

textos e livros) para a transformação das sociedades no sentido de um recrudescimento do conservadorismo, sobretudo quanto a questões sexuais e de gênero.

POSTAGENS

BERTOLAZZI, Pietra. Mau caráter não tem sexo. Quando vão entender isso?. *Twitter*, 2019. Disponível em: <https://x.com/doutrinazero/status/1571010071513149447>. Acesso em: 20/08/2025.

BERTOLAZZI, Pietra. Postagem de 25 de outubro de 2022. *Instagram*, 2022. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CkJe8Ess4iU/?hl=pt-br>. Acesso em: 2 ago. 2022.

BERTOLAZZI, Pietra. Postagem de 10 de março de 2024. *Instagram*, 2024. Disponível em: https://www.instagram.com/p/C4V4KBIurr6/?hl=pt-br&img_index=1. Acesso em 23 de jul. 2025.

BERTOLAZZI, Pietra. Postagem de 18 de fevereiro de 2025. *Instagram*, 2025. Disponível em: https://www.instagram.com/p/DGN51FxultZ/?hl=pt-br&img_index=1. Acesso em: 20 de ago. 2025.

BERTOLAZZI, Pietra. Postagem de 28 de outubro de 2022. *Instagram*, 2022a. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CkTwsuvpcwP/?hl=pt-br>. Acesso em: 3 de ago. de 2025.

BERTOLAZZI, Pietra. Postagem de 1º de dezembro de 2022. *Instagram*, 2022b. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CloqnfVpzFo/?hl=pt-br>. Acesso em 25 de jul. de 2025.

BERTOLAZZI, Pietra. Postagem de 12 de maio de 2023. *Instagram*, 2023. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CsJTD9ZPE-Q/?hl=pt-br>. Acesso em 3 de ago. de 2025.

BERTOLAZZI, Pietra. Postagem de 11 de janeiro de 2024. *Instagram*, 2024b. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C19zERVu7d7/?hl=pt-br>. Acesso em 24 de jul. de 2025.

BERTOLAZZI, Pietra. Postagem de 25 de julho de 2023. *Instagram*, 2023a. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CvHsMyGNIhv/?hl=pt-br>. Acesso em 27 de jul. de 2025.

BERTOLAZZI, Pietra. Postagem de 25 de agosto de 2023. *Instagram*, 2023b. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CwXTjsCORy6/?hl=pt-br&img_index=1. Acesso em 23 de jul. de 2025.

BERTOLAZZI, Pietra. Postagem de 12 de janeiro de 2024. *Instagram*, 2024b. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C2AVyxFuc4q/?hl=pt-br>. Acesso em 5 de ago. de 2025.

BERTOLAZZI, Pietra. Postagem de 26 de janeiro de 2024. *Instagram*, 2024c. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C2lRY8XMGcg/?hl=pt-br>. Acesso em 8 de ago. de 2025.

BERTOLAZZI, Pietra. Postagem de 26 de dezembro de 2023. *Instagram*, 2023c. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C1VP4Hp-JbHB/?hl=pt-br>. Acesso em 18 de jul. de 2025.

BERTOLAZZI, Pietra. Postagem de 29 de dezembro de 2022. *Instagram*, 2022c. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CmxazdgoilW/?hl=pt-br>. Acesso em: 29 de jul. de 2025.

BERTOLAZZI, Pietra. Postagem de 16 de novembro de 2023. 2023c. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CzucFzNMKwt/?hl=pt-br>. Acesso em: 6 de ago. de 2025.

BERTOLAZZI, Pietra. Postagem de 20 de dezembro de 2022. *Instagram*, 2022d. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CmaI0Vbo85_/?hl=pt-br. Acesso em: 5 de ago. de 2025.

BERTOLAZZI, Pietra. Postagem de 2 de outubro de 2023. *Instagram*, 2023d. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cx5wfOVu5m1/?hl=pt-br>. Acesso em: 13 de ago. de 2025.

BERTOLAZZI, Pietra. Postagem de 8 de maio de 2023. *Instagram*, 2023e. Disponível em: https://www.instagram.com/p/Cr_NAA7LR4W/?hl=pt-br. Acesso em: 2 de ago. de 2025.

BERTOLAZZI, Pietra. Postagem de 9 de maio de 2023. *Instagram*, 2023f. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CsBQLjUtVeq/?hl=pt-br>. Acesso em 5 de ago. de 2025.

BERTOLAZZI, Pietra. Postagem de 2 de abril de 2024. *Instagram*, 2024c. Disponível em: https://www.instagram.com/p/C5RzbPAsCqT/?hl=pt-br&img_index=1. Acesso em 28 de jul. de 2025.

BERTOLAZZI, Pietra. Postagem de 22 de junho de 2023. *Instagram*, 2023g. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Ctz0NRxtD8l/?hl=pt-br>. Acesso em 2 de ago. de 2025.

BERTOLAZZI, Pietra. Postagem de 18 de março de 2025. *Instagram*, 2025a. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DHWz09USBAR/?hl=pt-br>. Acesso em 15 de ago. de 2025.

BERTOLAZZI, Pietra. Postagem de 9 de janeiro de 2023. *Instagram*, 2023h. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CnM4oggosYW/?hl=pt-br>. Acesso em: 29 de jul. de 2025.

BERTOLAZZI, Pietra. Postagem de 12 de junho de 2023. *Instagram*, 2023i. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CtaKNgYLj6K/?hl=pt-br>. Acesso em 30 de jul. de 2025.

BERTOLAZZI, Pietra. Postagem de 26 de abril de 2023. *Instagram*, 2023j. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CrgeKREOBUT/?hl=pt-br&img_index=1. Acesso em 29 de jul. de 2025.

BERTOLAZZI, Pietra. Postagem de 29 de novembro de 2023. *Instagram*, 2023k. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C0Pk3eBOIWs/?hl=p-t-br>. Acesso em: 4 de ago. de 2025.

BERTOLAZZI, Pietra. Postagem de 19 de novembro de 2023. *Instagram*, 2023l. Disponível em: https://www.instagram.com/p/Cz1pbf6uhcJ/?hl=p-t-br&img_index=1. Acesso em: 2 de ago. de 2025.

REFERÊNCIAS

ALESC, Agência. *Assembleia sedia o 1º Congresso Antifeminista de Santa Catarina*. Disponível em: https://agenciaal.alesc.sc.gov.br/index.php/noticia_single/assembleia-sedia-o-1-congresso-antifeminista-de-santa-catarina. Acesso em: 3/07/2025.

BARANYI, Lucas. *Vivi Orth e Pietra Bertolazzi se unem em projeto de música eletrônica*. Disponível em: <https://gq.globo.com/Musa/noticia/2017/06/vivi-orth-e-pietra-bertolazzi-se-unem-em-projeto-de-musica-eletronica.html>. Acesso em: 22/07/2025.

BARBOSA, Olívia Alves. *Representação política no Instagram: feminismo e antifeminismo*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2025.

BERTOLAZZI, Pietra. *Raízes da Verdade - O Clube*. 2024a. Disponível em: <https://pietrabertolazzi.com/1a-raizes/>. Acesso em: 03/08/2025.

BERTOLAZZI, Pietra. *Doutrina Zero*. [s.d]. Disponível em: <https://pietrabertolazzi.com/dz/>. Acesso em: 23/07/2025.

BERTOLAZZI, Pietra. *Desafio dos 3 pilares*. [s.d]. Disponível em: <https://pietrabertolazzi.com/desafio-dos-3-pilares-2024/>. Acesso em: 2/08/2025.

BERTOLAZZI, Pietra. *O Guia Católico - O que todo católico precisa saber*. [s.d]. Disponível em: <https://pietrabertolazzi.com/>

guiacatolico/?fbclid=PAZXh0bgNhZW0CMTEAAadKYtmd93lzp-Wh_9Rr0DEazr_8Hrx4FWv9t38ZrNFC4dpNT4QKE7xL1yyFrg_aem_xb6DBxiQ66w2ye2gfUlbg. Acesso em: 2 de ago. 2025.

BIROLI, Flávia; VAGGIONE, Juan Marco; MACHADO, Maria das Dores Campos. *Gênero, neoconservadorismo e democracia: disputas e retrocessos na América Latina*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2020.

BONET-MARTÍ, Jordi. Los antifeminismos como contramovimiento: una revisión bibliográfica de las principales perspectivas teóricas y de los debates actuales. *Teknokultura*, [S.l.], v. 18, n. 1, p. 1-25, 2021.

BUSS, Doris; HERMAN, Didi. *Globalizing Family Values: The Christian Right in International Politics*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2021.

CAMPAGNOLO, Ana Caroline. *Ana Campagnolo é a deputada estadual mais votada da história de Santa Catarina*. 2022. Disponível em: <https://www.anacampagnolo.com.br/noticia/ana-campagnolo-e-a-deputada-estadual-mais-votada-da-historia-de-sc>. Acesso em: 1 de ago. de 2025.

CAMPAGNOLO, Ana Caroline. *A hidra feminista*. Campinas: CA Edições, 2025a.

CAMPAGNOLO, Ana Caroline. *Feminismo: perversão e subversão*. Campinas: Vide, 2019.

CAMPAGNOLO, Ana Caroline. *Guia de bolso contra mentiras feministas*. Campinas: Vide, 2021.

CAMPAGNOLO, Ana Caroline. *Não existe cristã feminista*. São Paulo: Vida, 2025b.

CAMPAGNOLO, Ana Caroline. *O mínimo sobre o feminismo*. Campinas: O Mínimo, 2022.

CAMPAGNOLO, Ana Caroline; PALANCA, Isadora; AMATO, David. *Ensino domiciliar na política e no direito*. Estudos Nacionais, 2022.

CESARINO, Letícia. Identidade e representação no bolsonarismo: corpo digital do rei, bivalência conservadorismo-neoliberalismo e pessoa fractal. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 62, n. 3, p. 530–557, 2019.

FALUDI, Susan. *Backlash: The Undeclared War against American Women*. Nova Iorque: Crown, 1991.

FURLANI, Danielle Fernandes Rodrigues. *A reação ao totalitarismo feminista: uma análise da retórica antifeminista de Ana Caroline Campagnolo*. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2024.

GING, Debbie. Alphas, betas, and incels: theorizing the masculinities of the manosphere. *Men and Masculinities*, [S.l.], v. 22, n. 4, p. 638–657, 2019.

GRAFF, Agnieszka; KOROLCZUK, Elżbieta. *Anti-Gender Politics in the Populist Moment*. London: Routledge, 2021.

GUTIÉRREZ, Mariana; CAMINOTTI, Mariana. Anti-Gender Movements in Latin America: Actors and Strategies. *Latin American Politics and Society*, v. 64, n. 2, p. 1-25, 2022.

KUHAR, Roman; PATERNOTTE, David (orgs.). *Anti-Gender Campaigns in Europe: Mobilizing Against Equality*. London: Rowman & Littlefield, 2017.

MACHADO, Maria das Dores Campos. O discurso cristão sobre a “ideologia de gênero”. *Revista Estudos Feministas*, v. 26, n. 2, p. e47463, 2018.

MARSICANO, Ana Carolina de Oliveira. *Os leigos cristianizam o mundo - católicos e política antigênero no Governo Federal (2019-2022)*. 2024. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2024.

MARTINEZ, Monise; ROSAS, Nina. Religious Postfeminist Pedagogies: Ambivalent Practices and Discourses among Brazilian Evangelical Women. In: VIEIRA, Cristina; OSTROUCH-KAMIŃSKA; JOANNA (Orgs.). *Gender and Adult Education Research in the Face of Social and Cultural Changes*. Leiden: Brill, 2025 [no prelo].

MEIRELLES, Allana. A corte sem nobreza: polemistas e anti-intelectualismo na mídia. *Tempo Social*, São Paulo, Brasil, v. 36, n. 3, p. 239-262, 2024.

MELO, Luiza Costa. *Mulheres armamentistas no Instagram: Discursos, redes e violência contra a mulher*. Tese (Mestrado em Sociologia) – PPGS/UFF, Niterói, 2025.

PATERNOTTE, David; KUHAR, Roman. "Ideologia de gênero" em movimento. *Revista Psicologia Política*, São Paulo, v. 18, n. 43, p. 503-523, 2018.

SALES, Lilian. O Ativismo Católico: Bioética, Direitos Reprodutivos e Gênero. *Revista Estudos Feministas*, v. 29, n. 3, p. e71678, 2021.

SANTINI, Rose Marie; SALLES, Débora; BELIN, Luciane Leopoldo; BELISÁRIO, Adriano; MATTOS, Bruno; MEDEIROS, Stéphanie.; MELLO, Danielle; GRAEL, Felipe; SEADE, Renata; BORGES, Amanda; MURAKAMI, Lucas; CARDOSO, Rafael; DAU, Erick; LOUREIRO, Felipe; YONESHIGUE, Bernardo; CARMO, Vitor do; MAIA, Felipe. *“Aprenda a evitar ‘esse tipo’ de mulher”: estratégias discursivas e monetização da misoginia no YouTube*. Rio de Janeiro: NetLab – Laboratório de Estudos de Internet e Redes Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2024. Disponível em: <https://netlab.eco.ufrj.br/post/aprenda-a-evitar-esse-tipo-de-mulher-estrat%C3%A9gias-discursivas-e-monetiza%C3%A7%C3%A3o-da-misoginia-no-yout>. Acesso em: 19/03/2026.

SYKES, Sophia; HOPNER, Veronica. Tradwives: Right-wing social media influencers. *Journal of Contemporary Ethnography*, v. 53, n. 4, p. 453-487, 2024.

SOARES, Ana Carolina. Após criticar feminismo, internautas pedem demissão de Pietra Bertolazzi. *Veja* São Paulo, 2019. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/coluna/terrace-paulistano/pietra-bertolazzi-demissao-critica-feminismo/>. Acesso em: 11 de ago. 2025.

SOLANO, Esther; ROCHA, Camila; SENDRETTI, Lilian. Mulheres de extrema direita: empoderamento feminino e valorização moral da mulher. *Caderno CRH*, v. 36, p. e023040, 2023.

VAGGIONE, Juan Marco. *Religión, sexualidad y política en América Latina*. Córdoba: Editorial Universitaria, 2020.

VILAÇA, Gracila; D'ANDRÉA, Carlos. Da manosphere à machosfera: Práticas (sub)culturais masculinistas em plataformas anonimizadas. *Revista Eco-Pós*, [S. l.], v. 24, n. 2, p. 410–440, 2021.

VITAL DA CUNHA, Christina; RAMOS, Jair de Souza. Retórica da perda e utopia no neoconservadorismo brasileiro: o resgate da tradição, da autoridade e da “masculinidade viril”. In: BRASILIENSE, Danielle; VAZ, Paulo (orgs.). *Masculinidade, Política e Ressentimento*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2024.

Recebido em: 26/09/2025

Aprovado em: 05/03/2026